

Artes, Direitos e Cidades

“Para enfezar Copacabana”: Lima Barreto contra o higienismo das reformas urbanas do Rio de Janeiro

"Para enfezar Copacabana"¹: Lima Barreto against the hygienism of Rio de Janeiro's urban reforms

Lara M. M. Cardoso

*Grupo de Pesquisa Eixos, planos e ficções. Universidade de Brasília (UnB). Brasília-DF
E-mail para contato: carmenbavius@gmail.com*

Resumo

“É preciso não confundir a cidade com o discurso que a descreve”, adverte Marco Polo ao descrever a cidade de Olívia na ficção de Calvino, que incorpora uma metáfora para a cidade do Rio de Janeiro no começo do século XX, local em que viveu Lima Barreto. Para “enfezar” Copacabana, Lima Barreto nomeia sua casa em Todos os Santos de Vila Quilombo, em alternativa à arquitetura hedionda da Avenida Central que variava entre “Rio-Paris barato ou mesmo Buenos Aires de tostão” (Barreto, 1956, p.31). Este trabalho analisa a crônica “O Convento” para responder à seguinte pergunta: como relacionar as reformas urbanas ao recrudescimento de estratégias genocidas do Estado (Nascimento, 2016)? A hipótese é a de que o autor vê na tentativa de reformas a intenção de apagar também a presença negra da cidade. “Quando, entretanto, eu me faço cidadão da minha cidade não posso deixar de querer de pé os atestados de sua vida anterior, as igrejas feias e os seus conventos hediondos.” A presença negra no Rio constitui muitos desses “atestados de vida anterior”. “A mentira está nas coisas” que, contradizendo o discurso, mostram-se como são: o Rio de Janeiro de Pereira Passos incorpora a Olívia de Calvino.

Palavras-chave: Lima Barreto. Reformas Urbanas. Genocídio. Abdias do Nascimento.

¹ Expressão intraduzível. As palavras “stunt”, “fret” ou “upset” não transmitem o significado preciso da expressão enfezar na língua portuguesa. Em 1728, o dicionário etimológico ‘Vocabulario Portuguez e Latino’ associou (incorretamente, pois o verbo enfezar vem “infensare”: ser hostil ou raivoso, que gerou o “infensatus” latino) pela primeira vez “enfezar” ao sentido de “lotar de fezes”, que se tornou o significado corrente no Brasil. Como os significados são construídos contextualmente, adotei o uso consolidado na língua portuguesa, e não na versão latina. Por isso, optei por manter entre aspas, em português, para evitar a perda de sentido.

Artes, Direitos e Cidades

Abstract

"We mustn't confuse the city with the discourse that describes it," warns Marco Polo when describing Olivia's city in Calvino's fiction, which incorporates a metaphor for the city of Rio de Janeiro at the beginning of the 20th century, where Lima Barreto lived. To "enfessar" Copacabana, Lima Barreto names his house in Todos os Santos Vila Quilombo, as an alternative to the hideous architecture of Avenida Central, which varied between "cheap Rio-Paris or even penny-pinching Buenos Aires" (Barreto, 1956, p.31). This paper analyzes the chronicle "O Convento" to answer the following question: how can urban reforms be related to the upsurge in genocidal strategies by the state (Nascimento, 2016)? The hypothesis is that the author sees in the attempt at reforms the intention to also erase the black presence from the city. "When, however, I make myself a citizen of my city, I can't help but want the certificates of its previous life, its ugly churches and its hideous convents to remain standing." The black presence in Rio constitutes many of these "attestations of previous life". "The lie is in the things" which, contradicting the discourse, are shown to be what they are: Pereira Passos' Rio de Janeiro incorporates Calvino's Olivia.

Keywords: Lima Barreto. Urban reforms. Genocide. Abdias do Nascimento.

Introdução

“É preciso não confundir a cidade com o discurso que a descreve”, adverte Marco Polo ao descrever a cidade de Olívia para o imperador Kublai Khan na ficção de Calvino. Levando em consideração este aviso, Olívia incorpora uma metáfora para a cidade do Rio de Janeiro no começo do século XX, local em que viveu Lima Barreto.

Este trabalho analisa a crônica “O Convento” como peça central em conexão a outros escritos do autor (crônicas e romances) para responder à seguinte pergunta: como relacionar as reformas urbanas ao recrudescimento de estratégias genocidas do Estado (Nascimento, 2016)? A hipótese aventada é a de que Lima Barreto vê na tentativa de reformas a intenção de apagar a vida anterior da cidade em diversos

Artes, Direitos e Cidades

aspectos e não por acaso o passado do Rio de Janeiro conta com a presença marcante de elementos negros, seja na arquitetura, na organização espacial ou nos pontos comerciais.

“Quando, entretanto, eu me faço cidadão da minha cidade não posso deixar de querer de pé os atestados de sua vida anterior, as igrejas feias e os seus conventos hediondos.” Estes “atestados de vida anterior” contam com a contribuição massiva de pessoas negras em diversos aspectos: seja nas formas arquitetônicas dos edifícios demolidos (Weimer, 2005), na disposição espacial da cidade ou mesmo em adornos e detalhes postos abaixo junto às construções derrubadas e incendiadas.

A cidade e o discurso que a descreve

O discurso adotado para descrever o Rio de Janeiro republicano, com ruas abertas, reformas sanitárias e otimismo em relação à “inserção na modernidade arquitetônica” mascara o uso extensivo de violência policial e as formulações racistas da medicina higienista da época. Lima Barreto, contudo, as expõe como elementos indispensáveis dessa pretensa modernidade e comunica seus propósitos racistas em suas crônicas e romances de modo ácido e preciso. Atualmente ainda é arriscado para um homem das letras apontar o racismo nas práticas sociais; no início da consolidação do projeto nacional republicano, significou a posição do escritor carioca como *persona non grata*² nos círculos intelectuais cariocas.

Após as amplas reformas no final do século XIX início do século XX conduzidas pelo prefeito Pereira Passos (engenheiro de formação que estudou Paris e um admirador das reformas urbanas empreendidas na capital francesa por Haussmann), o Rio de Janeiro iniciou um empreendimento de modernização para se aproximar da

² É controversa a ideia muitas vezes sustentada de que Lima Barreto era um escritor desconhecido e ostracizado. Na verdade, o autor ocupava uma posição de *outsider* no mundo das letras, e era conhecido inclusive pelas candidaturas à ABL. Neste sentido, Botelho (2021).

Artes, Direitos e Cidades

organização urbanística de grandes centros europeus. Vias foram alargadas, becos sem saída tiveram passagens abertas, aterramentos foram realizados e tudo anunciava a promessa de uma capital como as europeias. As razões, anunciadas como “sanitárias” e “estéticas”, desalojaram em torno de 20 mil pessoas, que, movidas para longe de suas habitações no centro, tiveram que custear transporte e aluguéis mais caros.

Deslocar a população pobre para as periferias é uma estratégia presente em decisões administrativas por todo o mundo (vide o caso dos subúrbios parisienses): longe dos pontos centrais da cidade onde ficam edifícios públicos e sedes de governo, fica mais difícil para essas pessoas protestar ou mesmo se encaminharem para resolver suas demandas de modo pacífico. A urgência e violência da expulsão da demolição dos cortiços e construções “fora do padrão” da nova estética também tinha o objetivo de desmobilização de classes populares:

E é preciso ao menos mencionar um outro motivo para a truculência contra os cortiços neste contexto: tais habitações foram um importante cenário da luta dos negros da Corte contra a escravidão nas últimas décadas do século XIX. Em outras palavras, a decisão política de expulsar as classes populares das áreas centrais da cidade podia estar associada a uma tentativa de desarticulação da memória recente dos movimentos sociais urbanos. (Chalhoub, 1996, p. 25-26)

O deslocamento da periferia para o centro, que mais do que antes passou a concentrar as funcionalidades estatais, é custoso (muitas vezes quase impossível pela falta de transporte), o que cumpre o propósito de dirimir as pressões por melhores condições de vida. Na época em que viveu Lima Barreto, a premissa de uma cidade gerida como um empreendimento começava a se consolidar:

[...] surgimento da ideia de que uma cidade pode ser apenas “administrada”, isto é, gerida de acordo com critérios unicamente técnicos ou científicos: trata-se da crença de que haveria uma racionalidade extrínseca às desigualdades sociais urbanas, e que deveria nortear então a condução não-política, “competente”, “eficiente” das políticas públicas. (Chalhoub, 1996, p. 19)

Artes, Direitos e Cidades

Este trabalho analisa a crônica “O Convento” para responder à seguinte pergunta: como o autor relaciona as reformas urbanas ao recrudescimento de estratégias genocidas do Estado (Nascimento, 2016)? A hipótese aventada é a de que o autor vê na tentativa de reformas a intenção de apagar também a presença negra da cidade. “Quando, entretanto, eu me faço cidadão da minha cidade não posso deixar de querer de pé os atestados de sua vida anterior, as igrejas feias e os seus conventos hediondos.” Estes “atestados de vida anterior” carregam a presença massiva de pessoas negras. A ferramenta metodológica empregada será o estudo de caso, tomando a crônica “O Convento” como contexto de trabalho para observar as consequências das reformas urbanísticas na vida da população negra do Rio.

Apontamentos metodológicos

O estudo de temas relacionados ao projeto de extermínio da população negra globalmente em curso (Mbembe, 2001; Nascimento, 2016) deve ser conduzido com cautelas e preocupações metodológicas, sob pena de resultados superficiais ou mesmo falaciosos. Ao tratar de um projeto de Estado tão cuidadosamente pensado para exterminar, excluir e violentar pessoas negras como o brasileiro, surge a questão metodológica fundante para essa temática: as formas de entender e construir o conhecimento devem ser coerentes com as formas pelas quais os temas e subjetividades apresentam-se na realidade.

A escolha de Abdias do Nascimento ocorreu exatamente por ser um autor brasileiro que trata das questões de modo mais particular, conforme o propósito do trabalho. A opção por Abdias acontece também pela forma de mobilização

Artes, Direitos e Cidades

ontoepestemológica das categorias: ao nomear as formas pelas quais o negro brasileiro é subtraído e excluído da sociedade, Nascimento enuncia-se e auto implica-se nas proposições, procedimento basilar para uma construção de conhecimento divergente dos padrões de neutralidade generalizante do ocidente que conduziram à classificações racistas e a uma ciência pretensamente neutra, que serviu durante muito tempo apenas para justificar a exploração e subjugo de pessoas não-brancas.

Quanto a mim, considero-me parte da matéria investigada. Somente da minha própria experiência e situação no grupo étnico-cultural a que pertencço, interagindo no contexto global da sociedade brasileira, é que posso surpreender a realidade que condiciona o meu ser e o define. Situação que me envolve qual um cinturão histórico de onde não posso escapar conscientemente sem praticar a mentira, a traição, ou a distorção da minha personalidade. (Nascimento, 2019, p. 35)

Assim, as epistemologias negras destacam-se pela profissão de um conhecimento auto implicado, em que o sujeito interage com outras subjetividades sem que isto signifique uma perda de potencial de cognição. A ideia de uma ciência isenta, imparcial e metodologicamente infalível difundida pelo iluminismo eurocêntrico é um fator decisivo para a propagação de ideias falsas relacionadas à inferioridade de pessoas negras em diversos campos, desde a intelectualidade até aspectos corporais e comportamentais (Gould, 2014). O racismo científico, amplamente em voga no momento em que Lima Barreto viveu e escreveu, é apenas um dos múltiplos exemplos da aliança entre ciência e propósitos de dominação e inferiorização de povos e camadas sociais.

Para enfezar Copacabana: o grande Méier “capital dos subúrbios da central”³

³Verso do “Samba do Meyer”, de João Nogueira. Todos os Santos, bairro em que Lima Barreto viveu a maior parte de sua vida, localiza-se nesta região.

Artes, Direitos e Cidades

Conhecedor do centro do Rio de Janeiro e da África em miniatura, que corresponde a locais como a Pedra do Sal, a Gamboa e o Valongo, Lima Barreto acompanhou as investidas contra as ocupações negras desses locais e as tentativas de reformar e apagar a presença afro-brasileira dos pontos centrais da cidade (a transformação do Valongo em Cais da Princesa é um exemplo). Desde reformas que encobriram a arquitetura inicial, até a demolição de construções para que fossem erguidos arranha-céus: a transformação do Rio de Janeiro foi acompanhada com apreensão, desconforto e indignação por parte do autor carioca.

Para “enfezar” Copacabana, Lima Barreto nomeia sua casa no subúrbio de Todos os Santos (hoje a região do Grande Méier) de Vila Quilombo, compreendendo seu caráter alternativo à arquitetura hedionda da Avenida Central típica das reformas urbanísticas que variavam entre “Rio-Paris barato ou mesmo Buenos Aires de tostão” (Barreto, 1966, p.31). Pertencendo aos subúrbios e periferias (Ilha do Governador, Grande Méier), o escritor teve a experiência mista de trafegar em um centro de *belle époque* e ao mesmo tempo avistar periferias de aspecto muito mais antiquado.

O projeto arquitetônico da cidade do Rio de Janeiro expressa, mais que opções estéticas e administrativas, um projeto político bem documentado pelas falas dos deputados, intendentess (correspondentes aos vereadores) e chefes de polícia da época. Havia uma intenção de afastar do centro da cidade as assim chamadas “classes perigosas”, às quais eram atribuídos vícios e patologias, afastando para a periferia todos aqueles que tornassem a imagem da capital republicana. Para Oliveira, (2019, p. 152), Lima Barreto:

transita nas periferias e ameaça o centro.[...] Esse escritor afeito ao ponto de vista periférico, no jogo da ginga e na ginga do jogo, corresponde, [...] àquele que sai das ruas marginais, transita pelas ruas do centro ao mesmo tempo que por elas é temido.

Artes, Direitos e Cidades

Buenos Aires de tostão

Na crônica “O Convento”, ao opinar sobre as tentativas de europeizar a capital fluminense, Lima Barreto refere-se a ela como “Buenos Aires de tostão”. A alusão é interessante do ponto de vista histórico porque os processos de urbanização portenha de certo modo refletem os objetivos dos projetos urbanísticos do século XIX e início do século XX em toda América Latina.

O projeto urbanístico do Rio de Janeiro tem semelhanças com o de Buenos Aires não apenas como um projeto estético inspirado nos projetos parisienses⁴, mas também como ponto de afirmação de uma política populacional de branqueamento e extermínio da população racializada (em especial como negra). Os bairros do centro começaram a ser reformados e a população pobre que residia em cortiços ou *conventillos* foi progressivamente expulsa ou dizimada pelas grandes epidemias que abateram a capital argentina. Soma-se a isso o uso de soldados negros como buchas de canhão, algo que aconteceu tanto na Argentina (Guerras da Cisplatina e Paraguai) quanto no Brasil⁵.

⁴ Não se pode esquecer que Paris foi reformada por questões militares, e posteriormente reorganizada com grandes áreas suburbanas em que vive a maior parte da população imigrante e/ou pobre. Em 2005 houve uma grande revolta de jovens após a polícia assassinar Bouna Traoré e Zyed Benna: a resposta do governo foi uma violenta repressão e medidas de exceção (decretando estado de emergência). Em 2023, protestos eclodiram pelo mesmo motivo de 2005: violência policial e assassinato do adolescente Nahel. A este respeito: <https://g1.globo.com/mundo/blog/sandra-cohen/post/2023/06/30/protestos-contraviolencia-policial-na-franca-reacendem-a-memoria-da-revolta-das-periferias-em-2005.ghtml> acesso em 14 mar 2023

⁵ No Brasil, um evento (entre muitos outros) que exemplifica as estratégias brasileiras (tanto da elite branca ou branqueada quanto do Estado em si) de exterminar a população negra é o Massacre dos Lanceiros Negros (também chamado Traição ou Massacre dos Porongos), em novembro de 1844. Os únicos que foram mortos na emboscada (que algumas fontes históricas dizem ter sido combinadas entre farrapos republicanos e monarquistas) foram os lanceiros negros. Ou seja: a ética militar valia para todos os demais, menos para os negros do batalhão de lanceiros. Monarquistas e republicanos concordavam no ponto que assentou o racismo brasileiro: era preciso sufocar, pagar e exterminar pessoas negras e suas manifestações políticas, culturais e sociais.

Artes, Direitos e Cidades

Al iniciarse las campañas de independencia muchos esclavos fueron incorporados a las filas patriotas. Muchas familias de las llamadas «patricias» prefirieron enviar a pelear a los esclavos de la casa antes que a sus hijos, y así fue que en la mayoría de los ejércitos de la revolución se destacaban los soldados negros. Claro que no sólo por su color sino por su coraje y valentía en defensa de la libertad. Ésta es una de las razones de la casi desaparición de los negros de Buenos Aires (Pigna, p.144)

No século XIX, após as abolições que tiveram curso nas Américas, havia muita incerteza sobre o que fazer com a população negra, apesar de ser um consenso que estratégias de controle dessa população deveriam ser empregadas para evitar levantes: o ponto comum de todos esses planos era a violência em variados aspectos: as medidas dos Estados da América latina em relação a suas populações negras muitas vezes elencam todos os critérios da classificação de genocídio da Organização das Nações Unidas.

As epidemias de cólera e febre amarela serviram aos propósitos racistas através do higienismo: ao determinar longas quarentenas e isolamento de populações sem sequer confirmar o modo de contágio, ocorreu o extermínio de grande parte dos negros em Buenos Aires em razão da falta de acesso aos cuidados básicos de saúde em casos de febre amarela.

Los tres primeros casos en Buenos Aires aparecieron en el barrio de San Telmo el 27 de enero de 1871, y no se les dio gran importancia ni mucho menos difusión. El 1º de febrero se confirmó que se trataba de fiebre amarilla, el 4 del mismo mes se aisló el barrio de San Telmo. El 7 de febrero, Buenos Aires fue declarado puerto infectado. Desde entonces, todo fue cuesta abajo. Marzo fue una pesadilla: los muertos eran más de 150 diarios, a veces 200, en una ciudad que contaba con 188.000 habitantes, de los cuales la mitad eran inmigrantes. (Redacción DEF, 2020, s/p)

Artes, Direitos e Cidades

Ser uma Buenos Aires, mesmo que de tostão, implicava partilhar da mesma visão acerca da população pobre, e em especial a racializada como negra. A inveja de Buenos Aires era um pouco mais que imbecil: era uma cobiça pela execução de um projeto nacional racista de modo quase perfeito. Hoje há uma associação da Argentina como um país branco, réplica europeia nas Américas do Sul.

Nós passávamos então por uma dessas crises de elegância, que, de quando em quando, nos visita. Estávamos fatigados da nossa mediana, do nosso relaxamento; a visão de Buenos Aires, muito limpa, catita, elegante, provocava-nos e enchia-nos de loucos desejos de igualá-la. Havia nisso uma grande questão de amor-próprio nacional e um estulto desejo de não permitir que os estrangeiros ao voltarem, enchessem de críticas a nossa cidade e a nossa civilização. Nós invejávamos Buenos Aires imbecilmente. Era como se um literato tivesse inveja dos carros e dos cavalos de um banqueiro. Era o argumento apresentado logo contra os adversários das leis sumptuárias que aparecem pelo tempo: a Argentina não nos devia vencer; o Rio de Janeiro não podia continuar a ser uma estação de carvão, enquanto Buenos Aires era uma verdadeira capital europeia. Como é que não tínhamos largas avenidas, passeios de carruagens, hotéis de casaca, clubes de jogo? (Lima Barreto, 2010,

Apesar da incerteza quanto aos métodos para combater a epidemia naquela época, com cientistas divididos entre as correntes contagionista e infeccionista, o confinamento e abandono da população pelo Estado é inconsistente com qualquer forma de atenção à saúde. Abaixo, o resumo das ideias vigentes na época sobre o contágio da febre amarela (a descoberta do mosquito *Aedes aegypti* como vetor do vírus só ocorreu em 1878):

Durante a maior parte do século XIX, a interpretação médica sobre a transmissão das doenças foi marcada pelas divergências entre contagionistas e infeccionistas (também chamados de anti-contagionistas). Os adeptos do paradigma do contágio acreditavam que os objetos, as roupas, o sangue, os excrementos e a respiração de um enfermo provocavam a transmissão de determinadas doenças e esta hipótese era refutada pelos infeccionistas (LEWINSOHN, 2003, p. 123). Os adeptos do paradigma da infecção, por sua vez, entendiam que o surgimento de uma enfermidade era o resultado da “ação de substâncias animais ou vegetais em estado de putrefação no meio

Artes, Direitos e Cidades

ambiente” (BELTRÃO, 2004, p. 98). Os anti-contagionistas argumentavam que a transmissão de uma enfermidade era consequência de um desequilíbrio no ambiente e, conseqüentemente, atribuíam maior importância aos fatores climáticos e aos efeitos nocivos dos miasmas sobre a salubridade. (Rückert, 2021, pp. 106-107)

Buenos Aires cumpriu um projeto de extinção de sua população negra através de estratégias diversas: o uso de homens negros como bucha de canhão; o projeto de branqueamento com aspectos diferentes do brasileiro e do confinamento dessa população em bairros durante a epidemia de febre amarela ao longo do século XIX.

As várias faces do genocídio

Por definição das Nações Unidas⁶, genocídio é o extermínio de uma população orquestrada em várias frentes: cultural, social, econômica, populacional, entre outras. Não significa apenas o assassinio em massa, compreendendo também aspectos como etnocídio.

Artigo 2.º Na presente Convenção, entende-se por genocídio os atos abaixo indicados, cometidos com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, tais como:

- a) Assassinato de membros do grupo;
- b) Atentado grave à integridade física e mental de membros do grupo;
- c) Submissão deliberada do grupo a condições de existência que acarretarão a sua destruição física, total ou parcial;
- d) Medidas destinadas a impedir os nascimentos no seio do grupo;
- e) Transferência forçada das crianças do grupo para outro grupo (ONU, 1948)

⁶ Não se trata de um apelo anacrônico, mesmo porque os processos do Estado e da sociedade para promover o extermínio e extinção da população negra seguem em curso, consistindo em crimes continuados contra essa parcela da população, a exemplo do que também ocorre em relação aos indígenas no Brasil: os esforços para dizimar as populações não-brancas seguem seu curso e reformulam suas estratégias. A nomeação surgiu após milênios de práticas que se ajustam à definição substantivo posteriormente formulado e considerado um neologismo. A Convenção para Prevenção e Repressão do Crime de Genocídio foi retificada pelo Brasil em 1952, pelo Decreto n.º 30.822.

Artes, Direitos e Cidades

Em diferentes graus, todas as medidas elencadas acima são dirigidas à promoção do extermínio e controle violento da população negra brasileira. Embora inicialmente as pessoas negras traficadas não constituíssem uma unidade de povo ou cultura, os quase quatro séculos de escravização de seres humanos criaram um tecido social e cultural particular oriundo da experiência de violência e desumanização (Sodré, 2007; González, 1988, 2019; Glissant, 2021). As investidas para a destruição deste tecido consistem nas práticas genocidas do Estado, tanto para exterminar fisicamente, quanto para sufocar, apagar e branquear manifestações típicas de pessoas racializadas como negras.

Em Diário Íntimo o autor descreve sua preocupação com a violência policial e a associação de pessoas negras à vadiagem (malandros), presente nos códigos penais de 1830 e no de 1890. O tratamento de pessoas consideradas loucas também é visto como um problema das generalizações absurdas que as forças policiais faziam e fazem, ao disciplinar toda uma camada social com base em estereótipos e repressões violentas:

A polícia, não sei como e por que, adquiriu a mania das generalizações, e as mais infantis. Suspeita de todo sujeito estrangeiro com o nome arrevesado, assim os russos, polacos, romaicos são para ela forçosamente cáptens; todo cidadão de cor há de ser por força um malandro; e todos os loucos hão de ser por força furiosos e só transportáveis em carros blindados. (Lima Barreto, 1956, p. 36)

No século XIX e início do XX houve um debate intenso sobre a classificação de indivíduos que seriam “perigosos”, atribuindo-lhes, inclusive, características físicas particulares que em geral alocaram como mais propensos à violência e ao vício pessoas racializadas. Não custou muito até que a “braquicefalia” (apontada por nomes como Nina Rodrigues como típica de pessoas “africanas”) fosse associada ao ócio e à criminalidade de rapina:

Artes, Direitos e Cidades

Na verdade, o contexto histórico em que se deu a adoção do conceito de "classes perigosas" no Brasil fez com que, desde o início, negros se tornassem os suspeitos preferenciais. Na discussão sobre repressão à ociosidade, em 1888, a principal dificuldade dos deputados era imaginar como seria possível garantir a organização do mundo do trabalho sem o recurso às políticas de domínio características do cativo. (Chalhoub, 1996, p. 23)

Lima Barreto aborda as reformas no Rio de Janeiro, em especial às relacionadas com a urbanização do centro da cidade, como um apagamento do passado, o que consiste em uma das principais faces do genocídio do negro brasileiro (Nascimento, 2016), sendo uma voz dissonante contra o entusiasmo geral da época acerca do higienismo e do racismo científico. Se considerarmos o aterramento do Cemitério dos Pretos Novos, ocorrido pouco tempo após seu fechamento em 1830, veremos a continuidade na República do projeto monárquico de “limpar” o centro do Rio da presença africana (a transformação do Cais do Valongo em Cais da Princesa também é um acontecimento muito anterior, mas igualmente relevante nesse sentido).

Na República em que Lima viveu e criou, com a desorganização da produção agrícola após a Abolição e a falta de uma política fundiária, africanos e descendentes vieram para as cidades massa de miseráveis. E o imigrante, principalmente europeu, aqui chegado a partir de 1824, depois de substituir o escravo na lavoura, passou também a ocupar, nos centros urbanos, os espaços do trabalho assalariado, antes próprio dos negros, como, por exemplo, nos ofícios de quitandeiros e vendedores ambulantes. A estes, então, restaram as ocupações de menor remuneração e menos futuro. (Lopes *in* Botelho, 2021, p. 18)

O “bota-abaixo!” não se restringiu apenas a cortiços (o que em si já foi péssimo): construções “fora do padrão” também foram demolidas, como no caso do Convento da Ajuda, “sepultando atestados de vida anterior” (Lima Barreto, 2004, p. 98) que acoplavam muitas formas de viver e organizar a cidade. A arquitetura colonial portuguesa no Brasil partilha muitos elementos advindos das plantas domiciliares

Artes, Direitos e Cidades

comuns às regiões africanas que mais sofreram com o sequestro e comercialização de seres humanos: os mocambos e alpendres são duas das manifestações predominantes (Weimer, 2005).

Mesmo as práticas médicas de saneamento são vistas com suspeitas pelo autor, que considera o higienismo como uma forma de imposição violenta do Estado. Em Diário Íntimo o autor detalha uma abordagem policial em 1904:

Durante as mazorcas de novembro de 1904, eu vi a seguinte e curiosa coisa: um grupo de agentes fazia parar os cidadãos e os revistava. O governo diz que os oposicionistas à vacina, com armas na mão, são vagabundos, gatunos, assassinos, entretanto ele se esquece que o fundo dos seus batalhões, dos seus secretas e inspetores, que mantêm a opinião dele, é da mesma gente. (Lima Barreto, 1956, p. 12)

Já na crônica “O Convento”, o escritor fala dos esforços para inserir a modernidade republicana em uma arquitetura colonial. Também satiriza o que nomeia como ianquismo em outros de seus escritos, uma sede por replicar arranha-céus e estética estadunidense nas construções.

Não sei bem que vantagens trará tal coisa. Se, ao menos, fôssemos levantar ali um Louvre, um Palácio dos Doges, alguma coisa de belo e grandioso arquitetonicamente, era de justificar todo esse contentamento que vai pelas almas dos estetas; mas, para substituí-lo por um hediondo edifício americano, enorme, pretensioso e pífilo, o embelezamento da cidade não será grande e a satisfação dos nossos olhos não há de ser de natureza altamente artística. (Lima Barreto, 2004, p. 98)

O escritor sabia que o esforço de melhoramento sanitário e estético, na verdade, continha a intenção de negar e afastar a presença de corpos, que, findada a escravidão, mostravam-se cada vez mais incômodos. “A mentira está nas coisas” que, contradizendo o discurso, mostram-se como são: o Rio de Janeiro de Pereira Passos incorpora a Olívia de Calvino.

Artes, Direitos e Cidades

Considerações Finais

A análise da crônica “O Convento” pelo método de estudo de caso considerou as formulações do autor em relação à destruição do passado arquitetônico do Rio de Janeiro pela perspectiva da eliminação da presença dos “atestados de vida anterior” do centro da cidade, que compreendiam também as manifestações estéticas afro-brasileiras, seja na arquitetura em si, com taipas e alpendres, seja pelos adornos e formas de organização espacial comercial (Weimer, 2005). Dissolver manifestações culturais e apagar o passado é uma das formas de cometer o crime de genocídio que, embora não substantivado, é uma prática conhecida há milênios e cujo significado ajusta-se precisamente às estratégias de controle e extermínio da população negra ainda em curso (violência policial, precarização de trabalho, saúde e moradia, racismo recreativo, etc).

Referências bibliográficas:

ALMEIDA, A. Debret e a presença Negra no Rio de Janeiro 1816/1831. *Periferia*, v. 12, n. 2, p. 88-106, maio/ago. 2020.

BARREIRO, R. *Onde Estão os Negros da Argentina?* El País, 08 jan 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/07/internacional/1483795840_886159.html acesso em 13 mar 2024

CALVINO, Italo. *As Cidades Invisíveis*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1990.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

COHEN, S. *Protestos contra violência policial na França revivem a memória da revolta das periferias em 2005*. Portal G1. 30 jun 2023

Artes, Direitos e Cidades

Disponível:

<https://g1.globo.com/mundo/blog/sandra-cohen/post/2023/06/30/protestos-contra-violencia-policial-na-franca-reacendem-a-memoria-da-revolta-das-periferias-em-2005.g.html> acesso em 14 mar 24

COSTA, S. O branco como meta: apontamentos sobre a difusão do racismo científico no Brasil pós-escravocrata. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 1/2/3, p. 47-68, jan./dez. 2006.

DEF Info Bae. *La Fiebre Amarilla: una epidemia que reveló lo peor de Buenos Aires*. 2010.

<https://www.infobae.com/def/desarrollo/2020/03/28/la-fiebre-amarilla-una-epidemia-que-revelo-lo-peor-de-buenos-aires/> acesso em 02 de março de 2024

FREITAS, C. S. G. de. (2017). Lima Barreto, um intelectual-negro na "Avenida Central". *Intellèctus*, 4(1).

Recuperado de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intellectus/article/view/27589>

GOULD, S. J. *A falsa medida do homem*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014

BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010

LIMA BARRETO, Afonso Henriques. O Convento. In: *Toda crônica*. Apresentação e notas de Beatriz Resende; organização de Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004, vol. I. p.98. Publicada, originalmente, no jornal [Gazeta da Tarde], de 21/07/1911 e, posteriormente, no livro *Bagatelas*. Brasiliense, 1956, p.93.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Bagatelas*. São Paulo, Brasiliense, 1966.

NASCIMENTO, Abdias. *O genicídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 1ª ed. São Paulo, Perspectivas, 2016.

OLIVEIRA, S. *A ginga na roda do jogo literário*. In: *Contemporaneidades periféricas*. Org. SILVA, J. A. Salvador: Segundo Selo, 2019.

ONU. *Convenção para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio*. III Sessão da Assembléia Geral das Nações Unidas. Paris, a 11 de dezembro de 1948.

RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1993.

Artes, Direitos e Cidades

RÜCKERT, F. Q. EPIDEMIAS DE FEBRE AMARELA NO RIO DE JANEIRO E NA BUENOS AIRES DO SÉCULO XIX. *Historiæ*, Rio Grande, v. 12, n. 2, p. 105-129, 2021

WEIMER, Günter. O Significado da Arquitetura Popular. Palestra de abertura do IX EHTA, 2005, URCAMP, Bagé, RS.